

LA SALLE EDUCADOR

PISTAS PARA INÍCIO DE UMA REFLEXÃO

Introdução

João Batista de La Salle (1651-1719), fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, não foi homem de gabinete para escrever longos tratados técnicos de Educação. Toda sua atividade educativa consistiu em reunir e manter permanentemente unido um grupo de pessoas que, sob sua constante orientação, arriscaram toda sua vida para proporcionar educação humana e cristã à juventude privada de recursos financeiros.

Embora pessoalmente só em rara ocasião ele tenha pisado em sala de aula, empregou sua formação filosófica e teológica para que a obra de seus professores tivesse solidez e eficácia junto às crianças.

Não me parece possível atribuir todo o arcabouço organizacional do sistema educativo lassalista exclusivamente à pessoa de La Salle. Ele foi, isto sim, o motor que garantiu firmeza e continuidade ao trabalho conjunto entre o fundador e seus primeiros colaboradores. O que hoje apelidamos «Educação Lassalista» é o resultado de um mutirão que se foi construindo dia por dia com a mão na massa e com o coração voltado para Deus.

Sem a presença diuturna de La Salle, a empresa das Escolas Cristãs gratuitas não teria vingado; mas o mesmo teria acontecido, se lhe faltasse a cooperação dos professores de ontem e de hoje. La Salle se empenhava em conseguir que os primeiros professores fossem animados de uma nova mentalidade, uma nova maneira de ser, a partir do interior. Os Professores, de seu lado, na prática pedagógica de cada dia, adquiriam uma experiência cada vez mais eficaz, que, depois de discutida em grupo, foi se fixando como norma de atuação, sob o nome de **GUIA DAS ESCOLAS CRISTÃS**. “Este GUIA só foi organizado e redigido em forma de regulamento depois de numerosas conferências com os Irmãos mais antigos e mais habilidosos deste Instituto em dar aula e depois de uma experiência de vários anos. Não se colocou nele o que não tivesse sido aceito de acordo e bem comprovado” (Prefácio do Manuscrito nº 11.759, da Biblioteca Nacional de Paris, 1706).

Para podermos avaliar o mérito da obra pedagógica lassalista, será preciso que examinemos qual é sua posição de princípios acerca dos elementos nela implicados: conceito de educação, o sujeito da educação, o agente da educação e os métodos ou meios.

1. Que é Educação para La Salle?

La Salle não se demora em formulações filosóficas sobre o conceito de educação, nem sobre os objetivos da mesma. O senso comum e sua formação específica lhe mostram que a pessoa humana nasce com limitações de que precisa ser libertada: ignorância, tendências interiores contraditórias, etc. Seus conhecimentos teológicos lhe mostram o ponto de chegada que todo ser humano é chamado a atingir, isto é, o sentido último da existência.

Diante dessas duas realidades, La Salle vai diretamente ao assunto, dizendo a seus educadores: “Deus vos chamou a um *ministério* cujo objeto *único* é a **salvação**”

(M 146,3). Poderia parecer, à primeira vista, que La Salle pensava exclusivamente numa vida futura melhor e eterna que devia ser preparada neste mundo. Aliás, em parte, esta foi a maneira tradicional das Igrejas, de encarar a vida. Tudo se resumia em “Salva a tua alma!” O Fundador repete: “O vosso emprego vos obriga a trabalhar na salvação das almas” (M 71,1). “Deus quer servir-se de vós para levar os alunos ao caminho da salvação” (M 56,1).

Sem dúvida, a salvação eterna, como termo de chegada da vida humana, é o objetivo a alcançar. Ele se traduz aqui e agora por “ser instruído nas verdades da fé e na prática do bem”(M 168,1) e por “procurar que (os alunos) sejam corretos e honestos” (M 186,1).

Este objetivo se alcançará com “dar a conhecer Jesus Cristo pelo anúncio de Jesus Cristo” (M 87,2) e com “com fazer dos alunos bons cristãos”(M 187, 3), “de verdade”(M 171,3). Desta maneira, “convertendo as crianças e ganhando-as para Deus”(M 79,3), “conservarão ou recuperarão a inocência batismal”(M 181,2), “se edificará o Corpo de Jesus Cristo que é a Igreja”(M 205,3), “para a glória de Deus”(M 206,1).

Porém, La Salle não perdeu de vista a fase humana da salvação. Esta, de fato, inicia durante a vida presente que deve ser feliz, quanto possível, inserida na comunidade social, para cumprir o mandamento da criação: «submetei a terra e dominai sobre ela» (Gn 1,28).

Por uma feliz intuição, La Salle descobriu que, à luz da verdade, a separação entre o «sagrado» e o «profano» era, no mínimo, artificial, se não, antinatural. Pois a pessoa humana, enquanto vive nesta vida, tem uma missão de construir um mundo, uma sociedade, com elementos puramente «profanos», queridos pelo Criador e, por isso mesmo, «sagrados» em seu querer divino e sacralizados pela ação consciente de cada um. Desta maneira se garante a felicidade aqui e a eterna, após a vida presente. Assim, pois, La Salle declara, sem a menor hesitação, “não se deve fazer distinção entre a vida de acordo com o «sagrado» (a salvação e a perfeição) e o «profano» (o trabalho específico da ação educativa) (Pequenos Tratados, Ed. Bras. Pg. 183).

O objetivo específico da educação lassalista é “ensinar os mistérios de nossa santa religião... e assim dar aos alunos a educação que lhes convém” (Regra I, art. 2). Para isso, “ensinarão os alunos a ler... escrever... e a aritmética” (Regra VII, art. 4 e 5). Para a formação à vida social La Salle compôs até um tratado sobre as boas maneiras da Cortesia Cristã.

De acordo com a época, estes conhecimentos básicos e primários já constituíam o instrumento para os outros conhecimentos. Assim, no Internato de S. Jônio, ensinava-se ainda história, geografia, cosmografia, comércio, arquitetura, mecânica, etc. Todas essas disciplinas «profanas» “constituem o essencial de vosso emprego”(M 133,2). E não ficou esquecida a educação social e política: “Em vosso emprego deveis unir o zelo pelo bem da Igreja (o sagrado) com o zelo do bem do Estado (profano), do qual vossos discípulos começam a ser membros”(M 160,3).

É interessante observar que o Fundador usa inúmeras vezes o termo «profano» de “vosso emprego”, para designar a missão sagrada. É destas atividades «profanas», sacralizadas pela atitude interior que o Irmão “dará estritas contas a Deus”(M 91,3), sem, todavia, “preferi-las em detrimento das disciplinas sagradas”(M 206, 1), pois neste caso “Deus deve considerar-vos como ladrões” (M 62,1).

2. O sujeito da Educação

Toda ação pedagógica depende do conceito que se tem do aluno. La Salle bem o tinha consciente e lembra aos Irmãos: “Uma das principais preocupações dos que se consagram à educação há de ser o conhecimento dos alunos”(M 33,1).

Coerente com esse princípio, o educador lassalista precisa olhar o aluno com um duplo instrumento: o da ciência e o da fé.

Pelo olhar da ciência o lassalista descobre sem delongas que “a maioria de vossos alunos são pobres” (M 202,2). “São crianças, cujo espírito ainda não está bem formado e são incapazes de grande e séria reflexão”(M 203, 2). Daí a necessidade de usar uma linguagem adaptada e levar as crianças mais pelo sentimento e o amor, isto é, “tocar os corações” (M 148,2), para depois mover o espírito.

Para se conhecer os alunos, o Guia das Escolas estabelece diversos tipos de alunos: os teimosos, os mimados, os meigos, os tímidos, os abobados, os malcriados, os atrevidos, os insolentes e os levianos (Cf. GUIA, II Parte, cap. III, seção 3 a 5). Se é verdadeira toda esta longa série negativa de alunos, “outros são bons ou com inclinação para o bem”(M 186,3).

Como atitude prática, La Salle estabelece uma série de catálogos das boas e más qualidades que os professores observarem em seus alunos. No fim de cada ano, antes das férias, cada professor deixa, por escrito, esses catálogos para o professor que receber esses alunos no ano seguinte (Cf. GUIA, II Parte, cap. III, art. 4º).

Na escola lassalista conta-se com a criatividade das crianças e o professor não se contenta com a simples repetição de noções transmitidas. No GUIA, se prescreve: “Na Terça-feira, todos os alunos trarão pronta a tarefa e *alguns outros exercícios que eles mesmos tiverem inventado*” (GUIA, I Parte, cap. V).

Com o olhar da fé, o educador lassalista descobre a criança como criatura de Deus, chamada à felicidade eterna; mas, em conseqüência do pecado, nota “uma aberta oposição entre o plano de Deus e a sabedoria do mundo”(M 194,2). Por vezes, o educador deverá tratar “com crianças que não conhecem a Deus, nem elas, nem seus pais”(M 41,3). Algumas “dessas crianças pobres... freqüentaram más companhias e aprenderam a cometer muitos erros morais” (M 194,1) e contudo, “constituem a porção mais inocente da Igreja e mais disposta a responder a Deus”(M 205,3), portanto são “capazes de conversão” (M 79,2), são modificáveis.

3. O agente da Educação: o Professor

O maior mérito de La Salle parece ser a formação adequada do educador. No dizer dos biógrafos do Fundador, os primeiros professores eram da classe mais baixa da sociedade francesa. Por isso, “La Salle não dava tréguas à formação de Irmãos que correspondessem aos desejos dos que confiavam neles para a educação da juventude” (Maillefer – Vida de LS – 181). Para isso fundou a primeira Escola de Formação de professores de que se tenha notícia na História.

Para La Salle, o educador cristão é uma pessoa “que Deus chamou e destinou a este emprego”(201,1). Ele “deve considerar-se um ministro de Deus e despenseiro de seus mistérios”(M 193,1), isto é, aquele que deve, em nome de Deus, distribuir e explicar a realidade de Deus e o sentido da vida presente. Tudo isto é a obra de Deus e o educador lassalista “coopera com Deus nesta obra divina”(M 205, 1). Em última análise, não é o educador que escolhe este emprego, mas «Deus mesmo lhe confia essa missão”(M 205,1).

O trabalho na obra de Deus somente é possível se o trabalhador permanecer unido a Ele: «Do mesmo modo que o sarmento não pode produzir fruto por si mesmo, se

não permanece na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim» (Jo 15,4). O educador cristão só tem sentido como tal enquanto “for auxiliado por Deus e guiado pelo Espírito Santo”(M 107,1). É fundamental esta consciência de ser instrumento através Deus quer educar as crianças que lhe confia. É uma enorme dignidade “que o educador deverá honrar”(M 193,3), e da qual “deverá prestar estritas contas”(M 206,1).

La Salle quer que seus educadores possam apresentar uma série de qualidades ou “virtudes”:

A **gratuidade**, isto é, a ausência de interesse pessoal, mas amor e dedicação aos alunos, até aos mais ingratos e mal educados: «Vossa profissão vos obriga a ensinar... e estais obrigados a fazê-lo desinteessadamente» (M 108,2).

A **atividade e coragem**: “Vosso zelo no emprego deve ser tão ativo e corajoso que possais dizer:...«o que nos interessa é trabalhar pela salvação dos alunos»” (M 201,3).

Entusiasmo ou zelo: “Somente um ardente entusiasmo pela salvação de vossos alunos deve ter-vos decidido a ... dar aos alunos uma educação cristã” (M 201,3).

Amor, ternura e firmeza: “Esforçai-vos para dar provas sensíveis de que amais aos que Deus vos confiou”(M 201,2). “Deveis considerar a vossa obrigação de conquistar o amor dos alunos”(M 115,3). Mas isto sem moleza, pois, “se tendes a ternura de mãe, precisais ter a firmeza de pai” (M 101,3).

Seriedade: “Esta seriedade... não consiste em mostrar um rosto severo ou descontente, nem em usar palavras duras; mas numa grande serenidade em palavras e ações” (GUIA, I Parte, cap. III, sec. II).

Exemplo: “As crianças, ordinariamente, se formam pelo exemplo de seus professores e se decidem mais facilmente a fazer o que vêem praticar”(M 202,3).

Conhecimento do que se deve ensinar: “Deveis conhecer perfeitamente os valores do Evangelho” (M 175,3) e “os conhecimentos humanos e tudo o que se refere à natureza”(M 160,3). Porque “vossa ignorância seria criminosa, já que teria como consequência a ignorância dos alunos” (M 153,1).

4. O caminho ou o método

Para alcançar seu objetivo, o educador lassalista dispõe de uma série de caminhos adaptados às condições concretas dos sujeitos da educação.

Antes de tudo La Salle pensa num lugar físico, como já era praticado desde tempos imemoriais: uma **Escola**; mas uma escola diferente. Uma escola gratuita para todos: “isto é essencial a este Instituto” (Regra, 7, 1).

Os alunos são classificados por nível mais ou menos igual e a turma segue a mesma lição (GUIA, III Parte, cap. II). O professor é, em primeiro lugar, uma pessoa que ajuda a aprender, porque “ama com ternura seus alunos”(Regra 7, 13) e prestará contínua atenção primeiro, sobre a correção do que dizem os alunos; segundo, para que todos sigam a mesma lição; terceiro, sobre a ordem e o silêncio” (Regra 7, 2).

A escola lassalista se distingue pela adoção de programas de utilidade prática para a vida concreta dos jovens. La Salle teve de travar uma luta renhida para impor a iniciação da leitura pela língua vernácula em vez do latim como era costume geral. Este processo foi constar na Regra do Instituto: “Ensinarão aos alunos a ler primeiro em francês” (Regra 7, 4).

Na escola lassalista, a frequência é obrigatória; “contudo, algumas vezes, pode-se permitir, por motivos graves,... que os alunos venham todos os dias, somente à tarde; mas nunca, só de manhã” (GUIA, II Parte, cap. VI), porque à tarde se dava a aula de

Catecismo. Para se conseguir essa freqüência, o GUIA prossegue analisando as causas das ausências e os remédios contra elas.

A escola lassalista é dinâmica em que todos os alunos participam intensamente de todas as atividades. Por rodízio, se lhes confia um ofício a desempenhar, desde o que tem as chaves e abre a escola, o que varre a sala, distribui o material, visita os doentes ou ausentes, até o sineiro que marca o fim dos trabalhos (GUIA, II Parte, cap. VIII).

Em tempos de La Salle, os castigos com fêrula, com vara ou chicote eram universalmente impostos. De início, o Fundador não fugiu do uso dos castigos deste tipo, mas impôs a seus educadores tantas condições que, praticamente se tornaram muito raros. “Os professores de menos de 20 anos de idade e os maiores do que estes, mas que estão no primeiro ano de trabalho escolar, deverão especialmente observar as regras do GUIA, II Parte, cap. V)” (Regra 8, 11).

Em lugar dos castigos La Salle quer que os alunos sejam estimulados por meio de manifestações de satisfação pelo esforço dos alunos e por recompensas merecidas. “De tempos em tempos, os professores darão algumas recompensas a seus alunos que se mostrarem mais exatos em cumprir seus deveres, com o fim de incentivá-los a fazê-lo por amor e incitar os demais pela esperança de uma recompensa” (GUIA, II Parte, cap. IV).

BIBLOGRAFIA:

O GUIA DAS ESCOLAS CRISTÃS – Manuscrito nº 11.759 da Biblioteca Nacional de Paris, 1706

MEDITAÇÕES – Para os Domingos e principais Festas do Ano e Meditações para educadores cristãos. Tradução brasileira.

PEQUENOS TRATADOS – Opúsculo destinado aos Irmãos das Escolas Cristãs para orientação de sua vida. Tradução brasileira.

REGRA – Regra de vida dos Irmãos das Escolas Cristãs – Manuscrito de 1718

MAILLEFER – Vida do Senhor João Batista de La Salle – Tradução brasileira.

Ir. Affonso Ludwig, FSC